

PÃO COZIDO DEBAIXO DE BRASA: NUANCES ENTRE A CASA E A CIDADE

Carla Reis de OLIVEIRA
Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão
carlareis_orz@hotmail.com (Bolsista Capes)

Resumo: Publicado em 1997 e ganhador do Prêmio Machado de Assis 1997 de Literatura da Biblioteca Nacional, *Pão cozido debaixo de brasa* (1997) é constituído por dois núcleos espaciais que se entrelaçam no decorrer da narrativa. Para tanto, o presente trabalho tem como tema *Pão cozido debaixo de brasa: nuances entre a casa e a cidade* e pretende evidenciar esta duplicidade espacial relacionando-a com as questões da memória e da identidade, neste romance do contemporâneo escritor Miguel Jorge. Trata-se de uma obra em que, por meio da manipulação estrutural do texto literário, o narrador de Miguel Jorge apresenta desdobramentos espaciais onde observamos as vivências dos protagonistas, sempre com o anseio de transpor-se para um lugar melhor. Partimos dos princípios da Topoanálise que trata da temática do espaço e dos vários aspectos com que este se apresenta e contribui para o texto literário. Com este trabalho, verificamos a íntima relação experiencial entre personagens e as características da casa e da cidade.

Palavras-chave: Espaço; Casa; Cidade

1. Introdução

As fronteiras de um livro nunca são bem definidas: por trás do título, das primeiras linhas e do último ponto final, por trás de sua configuração interna e de sua forma autônoma, ele fica preso num sistema de referências a outros livros, outros textos, outras frases: é um nó dentro de uma rede. Michel Foucault

Neste trabalho evidenciamos as nuances espaciais entre a casa e a cidade, relacionando-as com as questões da memória e da identidade empreendidas nesses espaços, no romance *Pão cozido debaixo de brasa* (1997), que tem como autor o escritor goiano Miguel Jorge. Esta obra surgiu no ano de 1997 e nesse mesmo ano foi ganhadora do Prêmio Machado de Assis 1997 de Literatura da Biblioteca Nacional.

Temos, na referida obra, uma estrutura espacial dupla, portanto, em um primeiro momento faremos a análise da casa no núcleo espacial de Adam, na sequência tomaremos a cidade como foco de análise no núcleo espacial de Felipa. É nesses espaços que temos a representatividade das questões acerca da memória e da identidade e também a crítica social que a obra abarca.

Partimos dos princípios teóricos da Topoanálise de acordo com a metodologia de Borges Filho (2007). Sendo assim, analisamos o espaço na obra literária e sua relação com as experiências das personagens.

2. Pão cozido debaixo de brasa: duas histórias, dois núcleos espaciais

É pertinente esclarecer que *Pão cozido debaixo de brasa* (1997) é uma obra que por meio da criatividade no processo da criação literária, temos não um, mas dois enredos que vão se entrelaçando conforme as histórias vão se desenvolvendo. Trata-se de uma romance em que em função manipulação estrutural da obra literária, o narrador apresenta duas histórias com seus espaços construídos através de estruturas opostas.

A duplicidade do enredo, em uma mesma obra, possibilita uma dupla constituição espacial. As duas histórias se entrelaçam, os capítulos se revezam. Ora as experiências das personagens acontecem nas ruas e avenidas da cidade de Goiânia, com as aventuras e desventuras de Felipa, ora estamos restritos às paredes da casa de Adam/Adão, com suas angústias e seus medos. As duas histórias se passam lado a lado, cada qual com seu enredo e seu núcleo espacial. Para Frank (1991, p. 229), para serem compreendidas simultaneamente as palavras, e, por extensão, o texto, não é necessário que ocorra sempre uma sucessão temporal, desde que estejam justapostos “pois embora eles sigam um ao outro no tempo, seu significado não depende dessa relação temporal.” É através da justaposição dos dois enredos, e com isso também a justaposição espacial que temos os efeitos de sentido na obra objeto deste trabalho.

Investigar o romance enfocando o espaço em que as personagens vivem permite-nos analisar também o ambiente cultural ou social em que elas habitam ou transitam, de acordo com as perspectivas da Topoanálise. De acordo com Borges Filho (2007), o estudo do espaço e de sua relação com as vivências e experiências das personagens na literatura pode abarcar as suas esferas culturais ou naturais, sendo assim, podemos também estudar a ligação que tem a categoria da narrativa, espaço, com as questões da memória e da identidade.

As personagens estão no texto, seu espaço de existência, elas atuam e participam de um espaço localizado concretamente. Neles elas vivem, trabalham, estudam, empreendem suas buscas. Para Candido (2009, p. 55), o “ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial”. Expressando o universo do ser vivo num contexto ficcional, notamos a memória e a constituição das identidades através de suas personagens. Além disso, a análise do espaço na obra literária permite-nos investigar as práticas sociais e culturais, tais como a memória e a identidade presentes no texto literário. Considerando-os como uma rede indissociável própria da natureza humana, e, por conseguinte, constituintes das vivências e experiências das personagens.

A obra literária em foco atende a esse ponto de vista analítico, pois nas relações entre as personagens e os espaços em que elas habitam, suas experiências acontecem em torno de uma temática a respeito da memória e da constituição de suas identidades. As personagens deslocam-se constantemente em busca de transpor-se para lugares melhores e de sua afirmação pessoal.

3. Núcleo espacial de Adam/Adão

O narrador inaugura a obra com a história de Adam/Adão. Nesse enredo o temos como protagonista que ora é chamado por Adam ora por Adão. O primeiro nome se dá quando suas experiências se passam em sua casa. Temos essa diferenciação que acontece de acordo com o espaço em que essa personagem está inserida. O texto é constituído pelos seguintes espaços: a cidade, a casa do protagonista, a escola, o chalé e a casa da professora Leona. No entanto, as experiências de Adam/Adão se passam na maioria das vezes no espaço de maior destaque nas

passagens iniciais da narrativa, a casa em que vive com sua mãe Ziza e com seu padrasto Yussef.

No início da obra vemos que em sua casa ele recebe o nome de Adam pelo narrador, que pode ser classificado como heterodiegético, pois narra, mas não participa da narrativa e também pelas personagens, ou seja, no ambiente familiar. “— Adam, Adam. Alguém deveria tê-lo chamado assim, tantas vezes, como se abrisse o mundo com seu nome. (Jorge, 1997, p. 21)”. Nessa passagem que introduz a narrativa, temos claramente o nome do garoto como Adam. Vemos o protagonista como alguém que em determinado contexto exerce suma importância, visto que o narrador afirma e reafirma o nome do adolescente. Ao se referir ao nome do protagonista, como temos no texto, com a expressão “abrisse o mundo com seu nome”, temos o recurso da prolepse, que é quando temos em determinado contexto da narrativa, uma antecipação que permite a anteposição de um fato ou situação no discurso textual que só ocorrerá mais tarde. Na passagem anterior o narrador antecipa o contexto do enredo, pois alude uma referência clara ao Adão bíblico, nome este que, recebe o garoto na maioria da história.

Temos agora Adam sendo chamado por Adão. “No meio do clamor dos outros alunos, André gritava: Adão, vamos a cantina? [...]. Os sons se moviam trêmulos à esquerda e a direita do pátio. Uns mais. Outros menos. Era bem de se ver um espaço vazio por onde a professora Leona deveria aparecer[...] (JORGE, 1997, p. 46).” Fora da relação familiar que se dá primordialmente em casa, o protagonista passa a ter o nome de Adão. Nessa passagem vemos Adão em seu ambiente escolar, espaço que aparece raramente na narrativa, convivendo com os colegas e com sua professora Leona. Nesse espaço percebemos a espacialidade com a correria de um lado para outro, a movimentação dos alunos à direita e à esquerda no pátio, no entanto a professora irá aparecer de um espaço vazio, como uma incógnita.

Posto que a mudança de nome dependa do espaço em que Adam/Adão se encontra, cabe buscar os efeitos de sentido acerca da relação dessa instabilidade, tanto espacial, quanto de uma identidade que está em processo de configuração. Sendo a busca pela constituição da identidade, a temática de destaque na obra em questão.

Adam/Adão é um garoto na fase da adolescência, que vive somente com a mãe Ziza, até o casamento dela com Yussef. A presença desse homem destrói toda a possibilidade de paz cotidiana. A casa, que era o seu lugar de conforto, organizada, limpa, perfumada passa a ser desorganizada. As roupas, sapatos, meias e até o cheiro de seu padrasto destroem o ambiente acolhedor do lar de Adam/Adão. Ao passo que ele está em busca da afirmação de sua identidade, com isso, ele vive um constante conflito psicológico. Temos o garoto com suas inquietações sobre sua realidade, em sua casa em um dos capítulos intitulados “Esboço para um diário”, em que Adam/Adão assume a narração, e passa a exprimir a subjetividade característica de sua identidade: Vemos o ponto de vista do protagonista sobre a casa em que ele vive:

Sabe, Viola, fosse apenas eu e Ziza, com o pão, o leite, a carne sobre a mesa. A cama. Fosse apenas, todos os dias, dormir e despertar com o corpo e o espírito arrumados, com a sensação de um novo sonho, sem pesadelos. [...] A ternura de Ziza, sua graça, cheia de ave-marias, que sustenta a mesa, o teto, as paredes. O rumo igual de todos os dias. Mas existe Yussef, as malas remexidas no quarto, as suas meias, seus sapatos (JORGE, 1997, p. 52).

Nesse trecho o narrador é Adam/Adão, é comum nesta obra que o narrador se transmute, de heterodiegético para autodiegético, assim nesses capítulos denominados

“Esboço para um diário” o narrador é autodiegético, ou seja, ele é a personagem principal da narrativa, ele participa direta e indiretamente na história, empregando um discurso em primeira pessoa. Com a transposição de sua sentimentalidade para o papel através da linguagem escrita, o garoto materializa, exprime sua subjetividade. Esta estratégia textual tem a função de representar o fluxo de pensamento do garoto, seu estado psicológico. Temos nessa passagem um diálogo entre Adam/Adão com o interlocutor imaginário “Viola”, personagem presente somente nesses capítulos. O protagonista nesse momento escreve, demonstra seu ponto de vista, ele revela sua subjetividade e explica a forma com que ele encara a vida em sua casa.

Percebemos suas angústias em relação a dividir sua casa com outro homem. A casa somente possui características positivas, quando nela vivem somente Adam/Adão e sua mãe Ziza. Em seguida, o mesmo cenário torna-se negativo, com a presença do padrasto, Yusseff.

Não obstante, principalmente com o enredo de Adam/Adão, o romance de Miguel Jorge permite questionar o heroísmo no mundo contemporâneo, uma vez que expõe um ser humano fictício que se transforma e se degrada. A identificação de Adam/Adão parte inicialmente do desconforto acerca da presença de seu padrasto em casa, a relação conflituosa entre eles, encoraja o garoto a deslocar-se para outro espaço, à procura da felicidade não encontrada em seu espaço inicial. Por outro lado, é o relacionamento amoroso com a professora Leona, concretizado na casa dela, que o introduz e confirma a sua identidade sexual. Hall (2009, p. 107) explica que o objeto do processo de identificação “tanto pode ser aquele que é odiado quanto aquele que é adorado.” A transformação do garoto, sua busca em reafirmar-se, em constituir sua identidade é impulsionada pelo jogo entre o amor e o ódio, ou seja, pelos constantes conflitos em sua casa e pela atração amorosa por Leona.

O garoto sente a necessidade de afirmar-se, de passar pelo processo de identificação, nesse caso, sua iniciação sexual. Para Woodward (2009, p. 32) “a forma como vivemos nossas identidades sexuais é mediada pelos significados culturais sobre as sexualidades que são produzidas por meio de sistemas dominantes de representação.” A fim de fugir da realidade negativa em sua casa Adam/Adão tem um caso com sua professora Leona. No jardim da casa de sua amante eles concretizam o romance proibido, como verificamos em Jorge (1997, p. 176) “[...] duas figuras entrelaçadas cheirando a relva, a flores, a suor, a ligações misteriosas de amor. Mil serpentes passeavam por aqueles corpos tombados entre ramos e florezinhas mal nascidas.” O narrador nos mostra não somente o encontro sexual, mas também a espacialidade arquitetada para demonstrar um jardim propício para um clima romântico, configurado por flores, pela relva.

A relação também no jardim nos dá indícios do romance proibido, isto é, um garoto com sua professora, uma mulher casada. A carga negativa da situação simbolizada pela serpente em um cenário cercado por ligações misteriosas de amor. Através do proibido, Adam/Adão constitui sua identidade. O garoto se transforma em homem. Hall (2009, p. 126) atenta para a necessidade de investigar-se “os mecanismos pelos quais os indivíduos considerados como sujeitos se identificam (ou não se identificam).” Nesse romance, vemos que elas utilizam-se dos deslocamentos como estratégias para constituir sua identidade e, também, transpor-se para um lugar melhor, também a busca pelo lugar que lhes proporcione prazer, paixão, felicidade, conforto.

O romance de Miguel Jorge nos permite indagar também sobre as escolhas comuns ao ser humano, aos seus ideais, uma vez que expõe uma personagem que se empenha em deslocar-se para constituir-se e acaba transformando negativamente sua vida. Como visto anteriormente, para Borges Filho (2007, p. 13) na contemporaneidade “as narrativas passam a se preocupar muito mais com inquirições psicológicas, com complexos, com atitudes inesperadas e paralelamente a tudo isso, passa-se a uma maior preocupação com os espaços

dessa personagem”. O processo de transformação do garoto, sua busca em reafirmar-se, em constituir sua identidade é forjada através das deslocações espaciais e de constantes conflitos psicológicos, concretizados em sua casa e no chalé da casa de sua professora. Esses são os espaços onde se realizam os conflitos.

Temos no texto a memória, com as lembranças do pai que morreu quando o garoto ainda era um bebê, essas recordações também são responsáveis pela constituição identitária de Adam/Adão:

E, num segundo, aquela imagem se desfazia para dar lugar á figura do pai morto. O que ele teria vindo fazer ali? Então, ele quis dizer-lhe que se sentia feliz em vê-lo, que dele ficara apenas um retrato, algumas lembranças de família, algumas histórias que se transformavam em outras com o tempo. Mas o seu pai já desapareceria com aquele vento veloz e forte que varrerá a casa. Triste era conviver com aquele espaço vazio, com as sombras que surgiam de todas as partes. (JORGE, 1997, p. 139).

Vemos que as memórias contribuem para a constituição do espaço. A casa, os pertences do pai, os retratos na parede forma um jogo imagético capaz de relembrar a figura dele, estratégia da criação do narrador. Notamos que o garoto se sente intrigado com a questão de o pai não se fazer presente, tratando a situação de forma a comparar a falta do pai com o espaço vazio, espaço este que ele procura sempre preencher. Conforme Gagnebin (2006, p. 27) o poeta, e por analogia o narrador, “deve ser aquele que sabe lembrar os mortos para os vivos.” No caso do trecho anterior, o arranjo espacial aciona a memória do garoto, com a decoração da casa e a lembrança do pai morto é resgatada.

O espaço, assim como a memória, exerce papel fundamental, contribuindo, propiciando e espelhando a busca de Adam/Adão em constituir-se e identificar-se. A temática desse enredo gira em torno de seus conflitos pessoais e psicológicos, como reflexo de uma procura da afirmação pessoal e da constituição de sua identidade.

4. Núcleo Espacial de Felipa

No núcleo espacial onde temos as experiências de Felipa enfatizamos a cidade, pois, este é o espaço predominante em sua história. O narrador reconta os fatos históricos referentes à tragédia do Césio 137, acontecida em Goiânia em 1987. Historicamente, sabemos que dois catadores de lixo entram em um prédio abandonado e encontram um aparelho radiológico que fora descartado. Esse aparelho continha uma cápsula de chumbo que alojava, em seu interior, o material altamente radioativo denominado Césio 137. Na ignorância, vendem-no a um dono de um ferro velho e, assim, deram início ao maior acidente radioativo do Brasil.

No romance analisado, em companhia de seu marido João Bertolino e de Nec-Nec, Felipa trabalhava catando a sucata das ruas e do lixo de uma grande cidade, dessa forma, encontrou a cápsula contendo Césio 137 nos entulhos da antiga Santa Casa da Misericórdia, porém, eles acreditavam que o material radioativo fosse uma luz, que os transportaria para o Terceiro Milênio. A passagem seguinte pode ser um exemplo para essa questão:

Felipa carrega nos ombros a decisão de atravessar o túnel, onde, certamente encontrará a luz azul. [...] E andava por ali, catando tudo o que achava: umas sobras de construção, algumas miuçalhas. Uns metais brancos, ferros enferrujados, algumas latas atiradas no lixo. Poderia ganhar algum dinheiro vendendo tudo aquilo nas oficinas. (JORGE, 1997, p. 54)

Felipa e seus companheiros trabalham nas ruas da cidade recolhendo sucatas do lixo, metais de pouco valor, dos lotes baldios e ao mesmo tempo estão buscando por uma “luz azul”. Essa luz, de acordo com o que eles acreditam, seria um elemento mágico que os transportaria ao terceiro milênio. Um espaço-tempo sagrado e libertador, capaz de livrá-los do sofrimento e miséria em que eles se encontram. Com o desfecho dos fatos nada disso acontece, eles acabam por descobrir uma cápsula contendo o elemento radioativo Césio 137. Na verdade, observamos o trabalho do narrador ao recontar o passado, visto que recria a memória dos fatos históricos referentes à tragédia do Césio 137, ocorrida em 1987 na cidade de Goiânia, contribuindo para a transmissão e a rememoração dessa fatalidade.

Felipa, João Bertolino e Nec-nec são transeuntes que vivem às margens da sociedade, pessoas humildes que buscam o seu sustento, porém esse sustento vem do lixo, das miuçalhas que a sociedade já descartou. Oprimidos e marginalizados, não resta outra saída a não ser remexer o entulho em busca da sobrevivência. Eles têm que vender o lixo para ganhar algum dinheiro, dinheiro mísero e insuficiente para garantir o bem-estar e a dignidade da família. Assim, buscando o “ganha-pão” encontram a cápsula contendo o Césio 137 nos entulhos da então demolida, Santa Casa da Misericórdia, desencadeando assim o acidente nuclear que ceifou a vida, a moradia, a saúde de inúmeras pessoas na cidade de Goiânia na época do acidente e que, ainda, repercute na vida dos sobreviventes que tiveram contato com o elemento radioativo.

Além disso, temos uma obra engajada com o contexto sócio-histórico, pois instaura uma crítica social que consiste em descortinar o que a história não revelou. A cidade é o espaço que engloba a rememoração dos fatos históricos e também a crítica social. É arquitetada a fim de representar os lugares onde a tragédia aconteceu e também ambientar o contexto sócio histórico em que os fatos ocorreram.

Enquanto isso as personagens “Senhor Governador” e a “Primeira Dama” representam o poder financeiro e político. A seguinte passagem figura essa questão, em Jorge (1997, p. 39) “Vez por outra, o Senhor Governador aparecia, com as mãozinhas saudosas. Cheias de entrega, de alegria, para garantir a tal promessa.” O representante político aparece nos holofotes distribuindo cestas básicas e cobertores aos pobres e oprimidos, mas essas doações não resolvem o problema social, na verdade tem como objetivo mascarar a realidade sofrida daqueles que vivem as margens da sociedade. Dando continuidade ao trecho anterior, o narrador demonstra que Felipa ao observar o Senhor Governador, sabe a real intenção de suas aparições. Ela representa o povo que está farto de falsas promessas e de soluções mentirosas. Temos essa questão expressa em Jorge (1997, p. 40) “Melhor seria, pensava Felipa, se o Senhor Governador multiplicasse os peixes e os pães, sem muito foguetório.” Isto é, o texto diz que, na verdade, a personagem anseia por soluções concretas e não está satisfeita com as falsas promessas. Assim, a aparência é representada pelo Senhor Governador, e a essência, por Felipa e seus seguidores, a representatividade da classe oprimida.

Nas passagens seguintes à demonstração da insatisfação de Felipa, lemos em Jorge (1997, p.41) a seguinte passagem, “Naquele momento, a cidade era sincera. [...] De novo mostrava seu hálito de pecado.” À partir dessa colocação do narrador, estabelecemos a analogia entre a representação do contexto sócio-histórico e o espaço cidade, já que logo em seguida à Felipa demonstrar conhecer a realidade acerca dos falsos donativos e das falsas

promessas, o narrador apresenta a cidade personificada. No contexto das aparições do Senhor Governador em público a cidade entra em cena. Ela percebe, constrange, é o cenário que perpassa e vive a crítica social, ela revela a mentira, a falsidade, e como temos explícito no trecho anterior, o pecado. Através da personificação (ou prosopopeia), a figura de linguagem que atribui vida ou características humanas a seres inanimados, a cidade age na obra em foco. Imitando as ações humanas, ela sentimentaliza acerca da situação, ela desvela o que se passa realmente.

Além da crítica social, temos também nessa obra a rememoração de fatos históricos. Para Zinani (2010),

A memória, nessas situações, é chancelada pela história oficial e tem [...] a função de tornar presentes tanto os eventos quanto as circunstâncias que lhes deram origem e o dever de mantê-los na lembrança, para que não instaure o esquecimento, possibilitando a reiteração de fatos semelhantes. (ZINANI, 2010, p.99)

Não obstante, em *Pão cozido debaixo de brasa* (1997) podemos observar a memória coletiva através da sugestão de elementos históricos. Os elementos da tragédia real, nem sempre coincidem com os que aparecem na narrativa. O Césio 137, por exemplo, é chamado por Felipa e seus seguidores como “luz azul” como na seguinte passagem, em Jorge (1997, p. 154), “Sim. Ela acabava de ter um pressentimento: a luz azul estava dentro daquele cilindro.” Este é o momento em que eles encontram o cilindro que continha o Césio 137, porém, no romance o nome real é transposto para “luz azul”. Contudo, identificamos o fato histórico ao acionar a memória e relembrar a realidade vivida na capital goiana em 1987. Para Gagnebin (2006, p.45), a rememoração serve para “lutar contra a morte e a ausência pela palavra viva e rememorativa”. A obra literária retrata a realidade, apropriando-se de fatos que realmente ocorreram em algum momento da história e transpondo-os para a ficção.

É notória a verossimilhança com que os fatos históricos são retratados na obra *Pão cozido debaixo de brasa* (1997). Apesar de não haver nomenclaturas reais, nem das personagens, nem do elemento radioativo, conseguimos notar do que se trata a história desse enredo. São recriados os espaços, a saber, a cidade, as ruas e os entulhos da Santa Casa da Misericórdia da cidade de Goiânia, também os indivíduos e os fatos que fizeram parte da tragédia real. Relembramos o que se passou porque buscamos na memória e identificamos o acidente ocorrido. Como dito anteriormente, na maioria da narrativa temos o elemento radioativo denominado como “luz azul”. No entanto, percebemos que apenas no seguinte trecho o narrador heterodiegético se refere ao elemento radioativo como Césio 137:

Felipa, num segundo, poderia sobrevoar tudo aquilo e cair em outro terreno, endireitar o xale sobre os ombros, erguê-los com altivez, e partir dali. Caminhar pelos arredores da cidade, que a cidade vista do alto continuava bonita e nova e arborizada. Mas Felipa não subira nas nuvens, não saíra do lugar. E a cidade punha-se de pé, amedrontada, e podia-se ler, para um lado e para outro dos muros, algumas frases pixadas durante a noite: – Césio 137 – outubro – 1988. A luz que mata. (JORGE, 1997, p. 205)

O espaço onde acontece essa passagem é a cidade. O texto nos mostra que todos tomam conhecimento sobre o acidente nuclear acontecido em Goiânia. A arquitetura espacial é relevante por dar mais vivacidade à lembrança do acidente nuclear. Felipa está diante da cidade novamente personificada, de pé, isto é, em posição de alerta, amedrontada. Dessa forma, o romance trata da memória coletiva, já que a tragédia tornou-se conhecida por inúmeras pessoas na região e é parte das lembranças e do passado regional. A linguagem especializada, utilizada pelo narrador retrata o contexto regionalista goiano e ambienta a narrativa. Ele utiliza-se de palavras como “erguer”, “partir”, “caminhar”, “arredores”, “alto”, etc.

Além disso, no último período aparece a figura paradoxo ou oximoro na expressão “A luz que mata”. Percebemos que o narrador constrói o sentido da morte, apropriando-se do elemento “luz”. Apesar de morte e luz se excluírem mutuamente se fundem num mesmo referente, constituindo uma afirmação aparentemente contraditória, mas que se encerram no sentido real verificável, pois realmente, a luz azul ou melhor, o Césio 137, através de seu contato com o ser humano, realmente causou mortes.

Notamos então que, nesse romance, temos a rememoração através da recriação da história do acidente do Césio 137. Para Gagnebin (2006, p. 47), o ato de lembrar é “tarefa altamente política: lutar contra o esquecimento e a denegação é também lutar contra a repetição do horror (que, infelizmente, se reproduz constantemente)”. Através da obra *Pão cozido debaixo de brasa* (1997), temos a recriação da história, rememoramos o acidente nuclear, sabemos o que o desencadeou e o que ele causou, de certa forma, esta é uma alerta para que um fato trágico como esse não se repita facilmente.

Assim, o romance contribui para a memória coletiva, trazendo de volta um fato verídico acontecido na cidade de Goiânia. De acordo com Gagnebin (2006), podemos considerar o seguinte pressuposto:

A única coisa a fazer, então, não é esperar por uma vida depois da morte (esse consolo somente virá com os Pitagóricos e com Platão), mas sim tentar manter viva, para os vivos e através da palavra viva do poeta, a lembrança gloriosa dos mortos, nossos antepassados outrora vivos e sofredores como nós. (GAGNEBIN, 2006, p.25).

Além de ser veículo para a rememoração, a tragédia também serve para constituir a identidade individual das personagens. De acordo com o ponto de vista teórico de Hall (2009), o processo de identificação funciona como uma rede que está sempre em processo e nunca está completo. As identidades estão sempre se transformando, tendo como os fatores que impulsionam esse estado de constante construção, a busca constante, a ação da memória e da rememoração.

Para Woodward (2009, p. 12) “essa redescoberta do passado é parte do processo de *construção da identidade* [...]”. No núcleo espacial de Felipa, a cidade é propícia para suas aventuras, em Jorge, (1997, p. 35) temos que “A cidade é um ofício é tem muito a se aprender com ela.” Pois, é na cidade que se empreendem e concretizam as buscas das personagens e também a tragédia em questão. Esta por sua vez é que impulsiona as personagens a buscarem, a se deslocarem, a construir suas identidades.

Temos nesse enredo a junção entre as temáticas da memória e da identidade atrelados à importância do cenário onde se passa toda a trama, a cidade, recriada para dar representatividade à história. Também o texto literário como instrumento para manter viva a

história sem deixar de lado o contexto social das personagens e a transitoriedade espacial através da qual elas forjam seus destinos.

5. Considerações finais

Na primeira história, a de Adam/Adão, temos uma espacialidade organizada cuidadosamente, caracterizada com a claridade, a limpeza, o perfume. A casa com uma aparência de lar acolhedor e aconchegante. Todavia, o protagonista não se sente bem nesse espaço, sua relação com ele é negativa, disfórica. Neste contexto, a obra apresenta um discurso sobre as convenções sociais, possibilitando o questionamento sobre os moldes familiares e a postura individual que são tidos como corretos no contexto sócio-histórico.

Percebemos estas questões através da quebra destas convenções por meio da traição, do crime, da mentira que permeiam a constituição identitária do protagonista. Assim, neste núcleo espacial podemos questionar sobre os valores, a ética e sobre a busca inescrupulosa pela autorrealização.

No outro enredo, de Felipa as características espaciais da cidade são a sujeira, a desordem, a miséria. Para as personagens vivências são negativas, maléficas. Esta história rememora a tragédia histórica do Césio 137 e privilegia a estética do oprimido, pois demonstra o contexto histórico-social sob a ótica do homem marginalizado que sofre com a ação do mundo paralelo ao favorecimento ao poder político e social. Neste núcleo espacial, as personagens também buscam meios para transpor-se para lugares melhores, também estão em processo de configuração de suas identidades.

Seja no núcleo espacial da casa, ou no núcleo espacial da cidade, memória é parte indissociável na constituição identitária de Felipa, de João Bertolino e de Nec-Nec, também de Adam/Adão.

6. Referências

BORGES FILHO, Oziris. *Espaço e literatura* introdução a toponálise. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

CANDIDO, A; ROSENFELD, D; PRADO, D. A; SALLES, P. A. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O que é herói*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FRANK, Joseph. A forma espacial na literatura moderna. Trad. Fábio Fonseca de Melo. Revista USP, São Paulo, n. 58, p.225-241, jun-ago, 2003.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

JORGE, Miguel. *Pão cozido debaixo da brasa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2004.

TADEU da SILVA, Tomaz. (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *História da Literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul. RS: Educs, 2010.